

Jornal do Sintufrj

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Ano XXV - Nº 1272

26 de novembro a 2 de dezembro de 2018

www.sintufrj.org.br

Mais esclarecimentos sobre os 26,06% do Plano Bresser

Página 3

Assembleia nesta quinta-feira, 29, às 10h, no anfiteatro do IPPMG, no Fundão

Pauta: conjuntura e eleição de delegados à plenária da Fasubra

Página 3

Mais Médicos



Primeiro coordenador do programa, Felipe Proença fala sobre a crise que determinou o fim da presença dos médicos cubanos no Brasil.

Página 8

Era Bolsonaro: filmaram aula na UFRJ

Página 7



MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

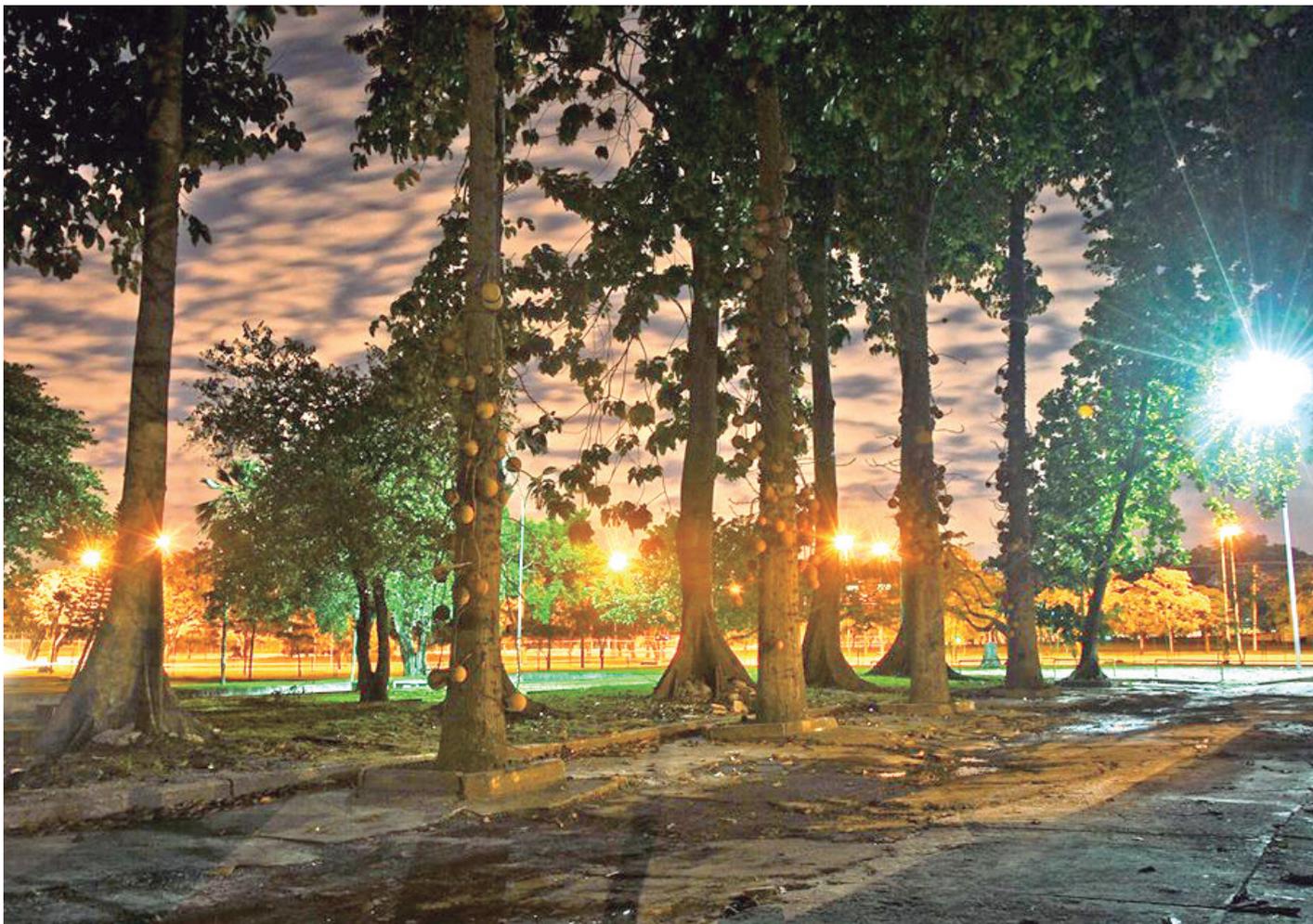
Resistência na Alerj

Deputadas negras eleitas em outubro dizem que o desafio é enfrentar a barbárie **Páginas 4 e 5**



RODA DE CONVERSA. Eleita com mais de 63 mil votos em outubro, a deputada estadual Renata Souza expõe a linha de ação que irá orientar o seu mandato

EM FOCO



PÁTIO da Reitoria à noite, pelas lentes do repórter fotográfico do Sintufrrj Renan Silva

Bem-estar em pauta no CT

O Centro de Tecnologia (CT) realiza na terça-feira, 27, e na quarta-feira, 28, a 10ª Semana Interna de Prevenção de Acidentes. O tema desta edição é “Bem-estar físico e mental no trabalho”. Local: salão nobre do CT. Confira a programação:

Dia 27, terça-feira

9h30 – Abertura, com a participação do Sintufrrj, Adufrj, CPST/PR-4, Decania do CT, Gerência de SMS da Coppe e presidente da Cipa (Coppetec).

10h – Palestra “Aplicação da ergonomia no dia a dia do servidor”, com o mestre em engenharia de produção e especialista em ergonomia Luiz Ricardo Moreira.

11h – Palestra sobre qualidade de vida, com Simone Nobre, facilitadora de biodanza.

12h30 – Coffee break.

13h30 – Wesley Pinheiro, especialista em incêndios, ensinará os presentes como escapar dos locais de trabalho em caso de sinistro.

15h30 – Wesley Pinheiro ensinará como manusear extintores.

Dia 28, quarta-feira

9h30 – Palestra “Depressão, trabalho e sociedade – perspectivas e estratégias nos tempos por vir”, com a especialista em psicologia clínica Maria Elisa Werlang.

10h30 – Palestra “Assédio Moral”, com a coordenadora da Comissão de Direitos Humanos de Combate às Violências na Universidade e integrante da Câmara de Políticas Raciais Luciene Lacerda e a professora adjunta da Faculdade de Ciências Sociais da UniRio, coordenadora do projeto de extensão de combate ao assédio moral no trabalho e fundadora do site www.assediomoral.org.br, Terezinha Souza.

12h – Aulão de Yoga, com Gilberto Schulz, instrutor do CT.

GIRO BRASIL

■ **Educação** – Ricardo Vélez Rodríguez é o indicado por Jair Bolsonaro para ministro da Educação. O professor, que é defensor assíduo do golpe de 64 e do projeto Escola Sem Partido, foi indicado por Olavo de Carvalho. Rodriguez afirmou em um artigo para a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que 31 de março de 1964 é “patriótico e necessário ser comemorado”.

■ **Processo** – O Ministério Público do Trabalho (MPT) em Santa Catarina está processando a rede de lojas Havan e seu dono, Luciano Hang, por dano moral coletivo. A ação se dá após Hang ter

intimidado seus funcionários a votarem em Jair Bolsonaro (PSL) e ter ameaçado fechar os estabelecimentos, dispensando os empregados, caso Fernando Haddad (PT) ganhasse a eleição. O valor das indenizações chega a R\$ 25 milhões, além de R\$ 5 mil para cada empregado por dano moral individual.

■ **Tombamento** – A Casa da Morte, local clandestino de repressão do Centro de Informações do Exército (CIE) durante a ditadura militar será tombada em Petrópolis. O decreto será publicado em breve, após decisão tomada pelo Conselho Municipal de Tombamento, no dia 21, por quatro votos a três.



■ **Democracia** – O ex-presidente Lula defende a formação de uma frente internacional que impeça o avanço da ultradireita. A afirmação foi dita a Juan Carlos Monedero, um dos fundadores do partido espanhol Podemos, que o visitou em Curitiba no dia 22. Na ocasião, os dois também conversaram sobre a Conferência do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clasco), na Argentina, onde Lula foi aclamado.

■ **Marielle Franco** – O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, afirmou que um complô está impedindo que haja a solução do assassinato de Marielle Franco, morta a tiros em março deste ano. A declaração foi dada após Jungmann ser questionado sobre o fato de o general Richard Nunes, secretário de Segurança do Rio de Janeiro, ter dito que milicianos estariam envolvidos no caso. Até hoje, não houve prisões.



Esclarecimentos sobre os 26,06% do Plano Bresser



■ Como devo proceder se eu não quiser executar os atrasados com o advogado do Sintufjr?

O sindicalizado que faz parte da ação e preferir executar os atrasados do Plano Bresser com advogado particular poderá pegar na secretaria do Sintufjr o número do processo e as cópias de suas fichas financeiras.

■ Quem consta da listagem e não é sindicalizado?

Quem consta da listagem do processo de execução dos 26,06% (Plano Bresser) e não é sindicalizado deverá solicitar suas fichas financeiras à Reitoria. Porque o

Sintufjr não tem autoridade para buscar informações na Reitoria sobre quem não é sindicalizado.

■ Quais os riscos na execução?

Como em qualquer demanda judicial, o cumprimento da sentença pode enfrentar oposição da advocacia da União, como interessada ou em defesa do ofício da UFRJ, mesmo os cálculos sendo realizados pela universidade. Embora a assessoria jurídica do Sintufjr esteja preparada para responder aos desdobramentos decorrentes, a advocacia pública costuma levantar todos os obstáculos possíveis para evitar ou protelar o êxito

do processo. Em qualquer cenário, os sindicalizados serão informados sobre cada etapa.

No caso de improcedência da execução do processo, conforme ocorre em qualquer caso contra a Fazenda Pública, podemos acrescentar a sucumbência entre 10% e 20%. Mas esse risco foi reduzido ao não incluirmos quem não está na listagem – para quem o risco é muito maior.

■ O que é sucumbência?

É o princípio que atribui à parte vencida em um processo judicial o pagamento de todos os gastos.

AÇÃO

Assembleia geral do Sintufjr

Na quinta-feira, 29, a categoria se reúne em assembleia, das 10h às 14h, no anfiteatro do salão nobre do IPPMG, no Fundão. Pauta: conjuntura e os cenários de ataques à carreira, à universidade e ao serviço público anunciados pelo novo governo, e eleição de delegados à plenária nacional da Fasubra dias 7, 8 e 9 de dezembro, em Brasília.

Plenária apontará para a unidade da categoria

Os delegados terão como tarefa principal a organização do movimento frente ao governo eleito de Jair Bolsonaro (PSL). A plenária marcará também a comemoração de 40 anos da Federação, que serão completados no dia 19 de dezembro.

A coordenadora da Mulher Trabalhadora da Federação, Rosângela Costa, informa que haverá um convidado especial para traçar um panorama da conjuntura, e o objetivo é o de construção de uma unidade maior da categoria.

“O que temos pela frente são ameaças aos nossos direitos e às universidades. Elas se tornarão concretas a partir de 1º de janeiro com a posse do novo presidente. O anúncio do novo ministro da Educação, Ricardo Vélez, um conservador, já vislumbra o que nos espera”, afirma a dirigente.

Segundo Rosângela, não se pode pensar no específico, ou seja, em demandas como a carreira, por exemplo, se não houver uma estratégia ou plano para dar conta da conjuntura adversa para os servidores públicos e universidades. “Ao contrário das opiniões de que a Fasubra deve dar trato às demandas específicas”, diz ela.

“A expectativa de ataque à universidade e aos direitos é iminente. Não teremos espaço de diálogo. Nessa plenária vamos tentar esclarecer e alertar a categoria para a necessidade de união e mobilização, numa linha de resistência”, conclui Rosângela.

Racismo legitima opressão, sustentam pesquisadores

História oficial renega o papel das populações negras no curso dos tempos, distorção reforçada pelo pensamento intelectual tradicional

Fotos: Ranan Silva



NASCIMENTO. "Racismo é sistema de poder"



SANTOS. "Ódio que gera violência"

Especializado em história da África, o professor Jorge Nascimento sustenta a tese que identifica o racismo como uma criação para subjugar os negros e legitimar seu genocídio. "O racismo antes de tudo é um sistema de poder que visa o extermínio da população negra no mundo", diz ele.

Nascimento participou do debate "A história do racismo e

seus impactos na contemporaneidade" no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), uma das atividades do Mês da Consciência Negra, organizado pelo Sintufrj. Mediou o encontro a coordenadora do Sindicato Noemi Andrade.

Rodrigo Santos, o outro debatedor convidado pelo Sindicato, é pesquisador do tema

na UFRJ. Ele chamou a atenção para o reforço do racismo de acordo com o pensamento intelectual tradicional, que desqualificou e renegou a população negra.

Segundo Santos, em textos registra-se que os negros não têm sentimentos, não têm talento, e de tão matraqueiros deveriam ser dispensados a pauladas.

Eurocentrismo

No debate, Jorge Nascimento destacou que a visão oficial eurocêntrica – a partir dos brancos europeus – destituiu o real valor do continente e de seu povo para a história da humanidade.

Segundo ele, o eurocentrismo exibiu, por exemplo, a civilização egípcia como sendo a de um povo branco, sendo ela reverenciada, mas os historiadores revisionistas comprovaram que se tratava de povos de pele negra – constituídos da mistura de vários povos africanos existentes ao sul e ao norte do vale do rio Nilo.

O professor explicou que a África é um continente antigo, e nela existiram grandes reinos africanos. Algumas grandes chefias, consideradas Estados tradicionais, são conhecidas desde o século IV, mas desconstruiu-se a história desses povos através de uma visão pejorativa e preconceituosa sobre o continente africano. E isso prepondera até hoje.

"O negro não sabe da sua história, a não ser pela visão do europeu. Suas contribuições na filosofia, na medicina, na mate-

mática são colocadas na conta dos gregos", diz.

Nascimento afirma que a história oficial torna os negros invisíveis, quando não inferiores, o que fragiliza sua autoestima. Conhecer a história africana, disse, é também saber os caminhos que foram tomados para se chegar à liberdade.

"Nós africanos fomos alijados de conhecer nossa própria história. Digo que nenhum branco foi responsável pela nossa libertação, coube isso a nós negros", sublinhou.

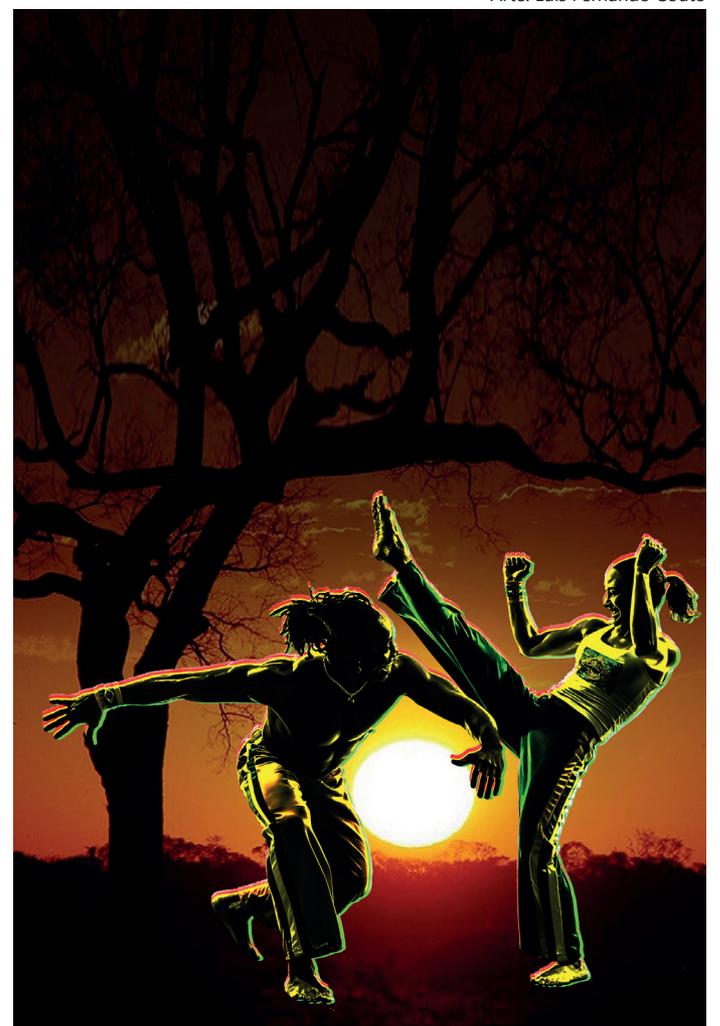
Ódio e medo

O pesquisador Rodrigo Santos afirma que o racismo é um poder que mobiliza as energias do corpo e está relacionado ao ódio e ao medo. "Um ódio que gera impulsos de assassinatos, de destruição e violência. Um medo que leva o povo ariano ao massacre pela existência da diferença".

De acordo com Santos, o capitalismo se apropriou desses sentimentos para justificar o massacre para a expropriação. E tem no racismo estrutural o alicerce para as políticas econômicas e sociais excludentes e predatórias.

Rodrigo Santos afirma que não há o desejo de se reverter essa situação na nossa sociedade, mas que cabe àqueles que defendem a igualdade a luta pela mudança. "Corpos negros são alvo. Estão na mira do fogo. É o racismo instituído. Por isso, o combate ao racismo precisa acontecer em todas as frentes, com as associações, grupos culturais, universidades e sociedade civil, defendeu. "Não podemos esperar da institucionalidade e dos governos qualquer medida que nos contemple", finalizou.

Arte: Luís Fernando Couto



Os desafios que duas mulheres negras eleitas em outubro vão enfrentar no plenário da Assembleia Legislativa, numa conjuntura adversa para a pauta dos interesses populares, foi o tema da roda de conversa organizada pelo Sintufjr – como atividade do Mês da Consciência Negra.

Nascida e criada na Maré, Renata Souza (PSOL), a parlamentar mais votada no campo da esquerda (63 mil votos), sintetizou o tamanho do risco: “impedir que a barbárie vire política pública” será o desafio.

Quando o governador eleito do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, põe na pauta a política de extermínio para enfrentar a violência, e tem irrestrito apoio do presidente eleito, o cenário temerário se apresenta.

Mônica Francisco (PSOL), com base de atuação no Morro do Boréu, compartilha das preocupações de Renata. Mas observou um contraponto no cenário. Segundo ela, a eleição de mais mulheres negras é a resposta social aos que repugnam corpos negros nos espaços de poder.



RENATA E MÔNICA, deputadas eleitas

Impedir a barbárie é o desafio

Mulheres negras falam do desafio da atuação no Parlamento estadual

Mas a deputada eleita diz que a representatividade dos mandatos só se justifica se for lastreada nas pautas que defendem.

A presença das duas futuras parlamentares marcou o encerramento das atividades do recém-criado Departamento de Raça e Gênero, criado pelo Sintufjr. Noemi de Andrade, di-

retora, e Denise Góes, ativista do movimento negro, conduziram, na quinta-feira 22, o encontro com Renata e Mônica Francisco.

Além do debate, uma oficina de turbante enfeitou com adereços coloridos várias mulheres presentes ao evento. Exposição de peças artesanais com motivos afros e uma feijoada fizeram

parte do cardápio.

O bloco afro Agbara Dudu, fundado em 1982, em Madureira, encerrou as atividades. No repertório, canções tradicionais africanas. “É uma alegria muito grande estar aqui, trazendo muita música e arte para o público”, disse o componente do grupo Julvano Martins.

Aliança progressista

Renata Souza, que foi aluna da UFRJ e estagiária do Sintufjr, teme que o medo seja a mola condutora da barbárie enquanto política de Estado.

Ela aposta, no entanto, na formação de um campo progressista para conseguir barrar os retrocessos e as ações parlamentares que possam vir a ferir a integridade física e moral dos indivíduos pertencentes às minorias sociais.

Ela lamenta também o cerceamento e as ameaças que pairam sobre a autonomia dos professores e deseja que a universidade seja o universo da cidade, não fechada em si.

Para Mônica, o período que é anunciado para o Rio de Janeiro e para o Brasil exigirá de nós muitos esforços para garantir a manutenção dos direitos conquistados. “As instituições de educação passam por uma desqualificação dos processos intelectuais, onde se filma professores e tentam cercear o pensamento crítico”, afirmou.



Fotos: Ranan Silva

CORES E SONS com a marca afro transformaram a quinta-feira 22 num dia especial no Espaço Cultural do Sintufjr. As atividades de encerramento do Mês da Consciência Negra teve política, artesanato, batuque e uma sedutora oficina de turbantes, adereços que trouxe graça às mulheres que participaram da festa. Um feijoada fez parte do cardápio



Comunicação hospitalar sem ruídos

Trabalho original de fonoaudióloga do HUCFF foi um dos destaques do seminário de técnicos-administrativos

O VI Seminário de Integração dos Técnicos-administrativos em Educação (Sintae), realizado de 22 a 26 de outubro, levou às salas, auditórios e corredores do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) uma profusão de trabalhos com os mais variados temas de autoria de dezenas de trabalhadores da instituição, mostrando o vigor da produção da categoria.

O trabalho da fonoaudióloga do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) Daniela Aguiar Schuewk, na modalidade Saúde e Meio Ambiente, foi um dos destaques do VI Sintae.

“Construção de rede de comunicação colaborativa no ambiente de trabalho” é uma proposta para aprimorar o padrão discursivo dos trabalhadores do Hospital Universitário por meio de trabalho em grupo e de caráter terapêutico.

Daniela tem pós-graduação em audiolgia clínica e é mestranda em saúde materno-infantil. Ela atua no HUCFF desde 2014, passou pelo Serviço de Saúde Auditivo, mas desde 2016 atende

no Serviço de Saúde do Trabalhador (Sesat).

Proposta

De acordo com a fonoaudióloga, “no contexto da comunicação humana com frequência podem ocorrer diversas falhas, como imprecisão dos movimentos fonoarticulatórios do falante, uso inadequado da pontuação gráfica pelo letrado, entre outras. E o impacto dessas falhas no ambiente profissional implica compreensão equivocada da mensagem, respostas inapropriadas, desentendimentos ou hostilidade nas relações interpessoais, além de distanciamento do propósito comunicativo”.

Ela explica que, de maneira geral, a dificuldade na comunicação repercute nas relações interpessoais: no falante, no ouvinte e ainda no ambiente de trabalho. “A ideia é formar grupos de trabalho para discutir e entender a dinâmica da comunicação e tentar minimizar o impacto que qualquer dificuldade comunicativa possa criar para favorecer ambientes mais saudáveis de trabalho”, complementa a profissional.



DANIELA SCHUEWK. Proposta de aperfeiçoamento da comunicação é inédita

Foto: Divulgação

CONSTRUÇÃO DE REDE DE COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO

Autora: Daniela Schuewk de Aguiar Russo
Fonoaudióloga – SESAT/DRH/HUCFF – UFRJ
Mestranda em Saúde Materno-Infantil (UFF). Pós-graduada em dschuewk@hucff.ufrj.br

Introdução:

No contexto da comunicação humana, com frequência, podem ocorrer diversas falhas – imprecisão dos movimentos fonoarticulatórios do falante, uso inadequado da pontuação gráfica pelo letrado, entre outras. O impacto das falhas em situações dialógicas dentro do ambiente profissional implica compreensão equivocada da mensagem, respostas inapropriadas, desentendimentos e/ou hostilidade nas relações interpessoais, além de distanciamento do propósito comunicativo. A importância de haver uma comunicação eficaz entre os pares profissionais colabora para um processo de trabalho com qualidade.

Metodologia:

A abordagem será sustentada no paradigma histórico-cultural para a compreensão do conceito de mediação e do trabalho em grupo.

Objetivos

Geral: Apoiar trabalhadores Fraga Filho (HUCFF)
Específicos: reorganização individual e qualidade das relações interpessoais no ambiente de trabalho

Resultados

Os benefícios práticos são: facilitar a troca de informações, favorecer a dinâmica de trabalho e consequentemente a qualidade do trabalho. E, por fim, prestar ao público.

Ampliar para toda a universidade

O superintendente de Pessoal da UFRJ, Pedro Campos, avalia a possibilidade de estender a proposta de Daniela a toda a UFRJ: “Queremos ver se é possível desdobrá-la para o conjunto da universidade porque também existem dificuldades de comunicação interna entre servidores por diversos motivos, entre os quais o geracional, pessoas com formação, história de vida e

tempo de trabalho distintos. Seria uma política para tentar construir relações intercomunicacionais com todas essas diferenças. Mas por enquanto é só uma ideia. Depois que Daniela preparar o projeto, a equipe vai estudar a possibilidade de desdobrá-lo”.

As possibilidades despertadas pelo pôster da fonoaudióloga reafirmaram o caráter do Sintae, conforme destaca Pe-

dro Campos: “A Pró-Reitoria de Pessoal trata o Sintae como um seminário técnico-científico, porque apresenta muita coisa da realidade do trabalho das pessoas, de perspectiva teórica e prática, e experiências de universidades do país inteiro. O Sintae é um grande laboratório de ideias de sucesso e de muitos projetos que podem ser importantes para a construção de políticas de pessoal”.

Aula gravada na UFRJ

Ouvidora da UFRJ orienta docentes que eventualmente enfrentem situações como esta

Estimulados pelo discurso do futuro governo, alunos de diversas universidades públicas desacatam professores gravando e filmando aulas sem a autorização prévia para divulgar em redes sociais. Os casos que se tornaram públicos tiveram como motivação “denunciar docentes doutrinadores”. A UFRJ não escapou dessas atitudes fascistas. Um dos casos ocorreu no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

No início de novembro, uma professora da unidade foi informada por alunos da sua turma que um estudante estava gravando aulas de diferentes disciplinas e postando na internet. O fato foi levado por ela à direção da Faculdade de Educação (sua unidade), ao IFCS e à Adufjr, e chegou ao Conselho Superior de Coordenação Executivo e ao Conselho do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH).

Ouvidoria

De acordo com a ouvidora-geral da UFRJ, Cristina Riche, a autonomia universitária é garantia constitucional que não pode ser desconhecida, desvalorizada ou desconsiderada: “Os membros da comunidade universitária têm o direito constitucional de promover debates, elaborar análises e se manifestar criticamente. O artigo 207 da Constituição fundamenta esse princípio da autonomia e da liberdade de cátedra para fomento da ciência, da tecnologia, da cultura e da arte tão necessárias ao desenvolvimento social do país”.

Cristina orienta que questões como essa devem ser levadas primeiramente ao conhecimento de departamentos e congregações, respectivamente. Mas, preventivamente, ela recomenda que é importante dar ciência a todos sobre o posicionamento do Supremo Tribunal Federal (STF), que rea-



Arte: Jamil Malafaia

firma a autonomia universitária e a liberdade de cátedra.

A ouvidora cita ainda a recomendação da Defensoria Pública da União aos reitores, datada de 26 de outubro, que assegura a livre iniciativa do corpo docente, discente e técnico-administrativo na promoção e efetivação do princípio da autonomia universitária, referente a qualquer tipo de manifestação de ideias, independentemente de posição político-ideológica.

A ouvidora propõe que, na divulgação dos programas e disciplinas, os alunos sejam informados de que para gravar uma aula ou copiar um slide tem que haver autorização do professor, porque envolve direito autoral e há limites legais.

Instância pedagógica, não policial

Para o decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Marcelo Correia e Castro, a primeira instância em casos assim deve ser sempre a pedagógica. Segundo ele, a reação na sala de aula tem limites sociais, como a preservação da imagem de todos ali, e que a imagem é relativa à identidade da pessoa e protegida por legislação.

Para o decano, a primeira medida em casos assim é procurar conversar com o estudante que fez a gravação, mas se essa tentativa não surtir efeito, cha-

mar a Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico (Coaa) e levar a discussão para o plano pedagógico. “Somos uma instituição de formação de pessoas e não um tribunal ou setor policial. O STF e a Defensoria Pública da União se manifestaram sobre o direito de liberdade de expressão, e o direito de imagem está regulado em inúmeras leis”, diz ele.

• Esclareça outras dúvidas acessando o site da Ouvidoria: www.ouvidoria.ufrj.br ou ligando pelos telefones 3938-1619 e 2928-1620.



Foto: Renan Silva

CORREIA. Limites sociais

A excelência cubana

Primeiro coordenador do programa Mais Médicos, Felipe Proença afirma que médicos cubanos asseguraram resultados expressivos

O professor de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Felipe Proença foi o primeiro coordenador nacional dos Mais Médicos, entre 2013 a 2016, quando o programa foi lançado no governo de Dilma Rousseff.

Proença tem vivido dias de perplexidade diante dos últimos acontecimentos relacionados ao assunto provocados por intempestivas declarações de Bolsonaro e sua equipe.

A participação dos cubanos no Mais Médicos trouxe, segundo Proença, resultados expressivos, pela qualidade de trabalho e amplitude do atendimento em lugares remotos do Brasil, cujas vagas eram difíceis de preencher.

Ele cita dados. O Tribunal de Contas da União (TCU) atestou aumento em 30% no número de consultas na atenção básica. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) fez uma pesquisa com 10 mil pessoas atendidas por médicos cubanos e apurou que 95% delas estavam muito satisfeitas. Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) apontou redução em até 15% das internações em função do atendimento na atenção básica.

Felipe Proença pondera que as condições impostas para a permanência dos cubanos não foram exigidas a outros países, como a questão da revalidação do diploma.

O Anuário Estatístico de Saúde 2017 revela que os profissionais cubanos estão em 24 países da América Latina e do Caribe; 27 da África subsariana; dois do Oriente Médio e da África setentrional; sete da Ásia Oriental e do Pacífico,



Foto: Internet

PROENÇA. Presença cubana assegurou qualidade de trabalho e amplitude no atendimento

além de Rússia e Portugal.

Afirma ainda que os profissionais se sentiram ofendidos com as declarações, como a que colocou em xeque a qualidade da formação, o que não se sustenta, evidentemente, na realidade, uma vez que a medicina cubana é reconhecida internacionalmente.

“Eles são exemplo porque têm muita prática em Serviços de Saúde e domínio da atenção básica. Cuba tem a exigência de formação em medicina da família”, diz ele.

O ex-coordenador do Mais Médicos observa que nas escolas tradicionais de medicina no Brasil os estudantes muitas vezes dirigem sua formação para determinada especialidade e acabam tendo dificuldade para atuar na atenção básica. Segundo ele, estão havendo reformas curriculares, mas ainda insuficientes para mudar este quadro.

“Eles são exemplo porque têm muita prática em Serviços de Saúde e domínio da atenção básica. Cuba tem a exigência de formação em medicina da família”, diz ele.

O ex-coordenador do Mais Médicos observa que nas escolas tradicionais de medicina no Brasil os estudantes muitas vezes dirigem sua formação para determinada especialidade e acabam tendo dificuldade para atuar na atenção básica. Segundo ele, estão havendo reformas curriculares, mas ainda insuficientes para mudar este quadro.

Inscrições

Sobre a grande quantidade de acessos de potenciais candidatos ao programa atendendo ao chamado do edital do Ministério da Saúde nos primeiros dias de inscrição, Proença disse que isso é explicado pela preferência dada aos primeiros inscritos para a escolha do local no qual prestará atendimento.

Mesmo assim, na visão do professor, como médicos brasileiros têm opções de emprego, o candidato só vai aderir ao programa de fato se a vaga for considerada boa.

Outra questão é o caso de recém-formados que fizeram prova para residência médica, mas que também estão se inscrevendo no programa Mais Médicos. Se aprovados na residência, observa Proença, eles terão que fazer opção. E a tendência é ir para a residência, diz o professor, que estima que 20% das inscrições se enquadram nessa situação.

Busca da atenção básica na UFRJ



Foto: Renan Silva

MEDRONHO. Adequação à atenção básica de saúde

O diretor da Faculdade de Medicina da UFRJ, Roberto Medronho, comenta que, com a mudança no modelo de atenção à saúde iniciada com o SUS, cujo foco é a atenção básica, especialmente na estrutura da saúde da família, houve necessidade das escolas médicas se readequarem.

“Esta é a lógica do modelo de saúde brasileira, muito semelhante à lógica cubana, inglesa, portuguesa. Não é um preceito ideológico. Mas

experiência de anos prestando assistência à população. Isso obrigou escolas a fazerem a reforma curricular. A Faculdade de Medicina, que completou, no dia 5, 210 anos, já há algum tempo busca no seu currículo a necessidade de formação para o Sistema Único de Saúde, ou seja, um médico generalista, humanista, com senso crítico e voltado para atenção e demandas da população brasileira”, explica o diretor.